

CEM ANOS DE ATIVIDADES VICENTINAS NO CEARÁ

Mozart Soriano Aderaldo

A mais excelsa das criaturas — Maria — intitulou-se “Escrava do Senhor” e disse que Deus lançara sobre Ela seu olhar e só por isso as gerações futuras a chamariam Bem-aventurada.

São João — o Batista —, classificado por Cristo como o maior dos homens, alertou seus discípulos para o fato de que as batizara na água, mas viria Alguém mais forte, de quem não seria digno de desatar a correia dos sapatos, que batizaria no Espírito Santo e no fogo.

O Chefe Supremo da Cristandade — o Papa —, em momento histórico, intitulou-se “Servo dos Servos de Deus”, numa lição de humildade a quem desejava ser maior do que ele.

Finalmente, para não prolongar demais estas considerações preliminares, lembremos que o próprio Cristo dogmatizou que “quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado.”

Fiel a esse espírito de humildade cristã foi que São Vicente de Paulo entendeu o Evangelho e o viveu. Dando-se todo a todos, a ricos e pobres, a plebeus e nobres, reviveu a verdade de que a Salvação não exclui sexo, idade, condição social, situação econômica e grau de cultura e inteligência. Tornou-se “outro Cristo” sobre a Terra, a esparzir o Bem, sem olhar a quem. Dos pobrezinhos, todavia, foi indiscutivelmente pai amorável, suprimindo, com os excessos de sua caridade, a carên-

cia de bens materiais e — mais do que isto — a ausência de afetos de que se ressentiam os mais desamparados.

Nosso modelo de Apóstolo mirou-se, a 23 de abril de 1833, outra alma de eleição — Frederico Ozanan —, para consubstanciar em letras, que muitas vezes matam mas que dessa feita se revelaram vivas e ardentes de caridade, os Estatutos de uma organização fadada a varar os séculos, fazendo o Bem, na concretização do mais perfeito espírito do amor cristão.

O ambiente em que vivia, então, o fundador das Conferências Vicentinas era em quase tudo semelhante ao atual, em que vivemos. Fora varrida, pelos excessos da Revolução Francesa, a imagem do Deus, e implantado em seu lugar “o espírito do mundo”, oculto e disfarçado sob várias figuras aparentemente inócuas, em que o **dar** é substituído pelo **ter**, mais e mais; em que o amor do próximo por amor de Deus desaparece para em seu lugar se impor o amor carnal não sacralizado; em que o Bem é perseguido por tortuosos e equívocos caminhos que levam necessariamente ao Mal; em que a conformidade com as desígnios de Deus é confundida com a insensibilidade às injustiças; e em que o louvável interesse pelos pobres e fracos se transmudam em ódio aos ricos, numa negação flagrante de sua própria finalidade — a fraternidade cristã.

Poucos anos depois — precisamente a 4 de agosto de 1872, no histórico Morro do Castelo, na antiga capital do país, através da Conferência que se instalou sob a proteção de São José, essa benemérita instituição iniciou seu glorioso ciclo no Brasil. E nosso Estado — o Ceará — conheceu-lhe os benefícios a partir de 8 de dezembro de 1879. Há cem anos, portanto. Foi seu inspirador e então Dr. Antônio Saboia de Sá Leitão, descendente, pelo lado materno, de duas ilustres famílias cearenses — os Castro e os Saboia — de Aracati. Os Sá Leitão eram de Pernambuco e ainda lá muitos se encontram com esse sobrenome duplo, honrando os seus antepassados. Quanto aos Castro e Saboia, projetaram-se nos fastos históricos

cearenses, de que é exemplo o nunca esquecido Barão de Studart, Castro legítimo, a quem o Ceará todo é grato por muitos títulos.

Seria, assim, natural que, de semente tão boa, brotasse árvore benfazeja. E o filho de tão ilustre progênie realmente se projetou como exemplo com pastores, quer no campo jurídico, quer no terreno religioso. No primeiro desses, foi bacharel bem formado em Olinda, advogado a princípio, exercendo depois o Ministério Público e abraçando, finalmente, a magistratura. Era Juiz de Joremenha, no Piauí, quando, em gozo de férias, visitou sua terra natal, o Aracati, e largou aquela "pequenina semente" a que se referiria 25 anos depois a Barão de Studart — a primeira Conferência Vicentina do Ceará, fundada a 8 de dezembro de 1879, sob a invocação de São Francisco de Assis.

Os pródromos dessa iniciativa — a fundação da Conferência de São Francisco de Assis, em Aracati, a 8 de dezembro de 1879 foram pelo próprio Dr. Antônio Saboia de Sá Leitão divulgados num "Breve Histórico" que saiu na "Revista do Conselho Central do Ceará" (n.º 1, de janeiro de 1905). Desde maio de 1877, orientado pelo Dr. José Honório Bezerra de Menezes, no Recife, passou o Dr. Antônio a freqüentar a Conferência Vicentina. No Rio, por intermédio do Pe. José Afonso de Lima e Silva, antigo Secretário de Dom Vital, entrou o Dr. Antônio em contato com o Presidente da Sociedade Vicentina no Brasil, Conselheiro Inácio da Cunha Galvão, e ingressou na Conferência da Imaculada Conceição. Regressando ao norte do país, cogitou de fundar em Assu e em Joromenha células vicentinas, não o conseguindo porém. Em Aracati, ao contrário, sentiu receptividade para sua idéia e, começando a trabalhar com esse objetivo desde maio de 1878, logrou total sucesso em sua empresa alguns meses depois.

Veio-lhe seguro apoio de vigário João Francisco de Sá, dos negociantes Vicente Ferreira dos Santos Caminha, Coriolano Francisco Ramos e Francisco José Ramos, do guarda-

livros Coriguasi Saturnino Ferreira de Barcelos, do professor Manuel Cantionílio de Carvalho e Silva, do agricultor José Carlos Gurgel Nogueira, do artista Raimundo da Silva Ramos e do empregado do comércio Albino Rodrigues Soares. Aclamado Presidente da Conferência recém-fundada na sacristia da matriz de Aracati, o Dr. Antônio Saboia de Sá Leitão nomeou os demais membros da Mesa: 1.º Vice-presidente — Coriguasi Saturnino Ferreira de Barcelos; 2.º Vice-dito — Vicente Ferreira dos Santos Caminha; Secretário — Manuel Cantionílio de Carvalho e Silva; Tesoureiro — Albino Rodrigues Soares.

Não seria surpreendente que a boa árvore, plantada em terreno preparado por mãos tão hábeis, demorasse a multiplicar-se em novas entidades congêneres. Assim foi que a cidade de Russas teve a sua Conferência Vicentina pouco tempo depois — a 11 de abril de 1880 —, fundada sob a invocação dos Sagrados Corações pelo Promotor Público João Pedro Saboia Bandeira de Melo, de origem igualmente cearense e pernambucana.

A terceira Conferência do Ceará foi fundada no Icó, sob o patrocínio de N. S. da Expectação, sendo seu primeiro Presidente Albino Rodrigues Soares, fundador da de Aracati e seu primeiro Tesoureiro.

A quarta Conferência foi instalada no Crato, a 25 de março de 1882, enquanto a quinta, em Baturité, passou a funcionar a partir de 18 de maio seguinte. Ainda a Aracati coube a sexta Conferência, instalada a 28 do mesmo mês de maio, e, finalmente, a sétima delas foi fundada em Fortaleza, na sede do Bispado, sob a invocação de São José, no dia 5 de setembro daquele ano de 1882.

Daí em diante foi rápida a expansão. Já no fim do século eram 108 as Conferências Vicentinas dispersas pelo território da então diocese, que compreendia todo o Estado do Ceará. Meio século depois — precisamente em 1950 — seu número se alçava a 533! E, como não há bem que sempre dure, esse ele-

vado número decresceu a partir da década de 1960, cingindo-se hoje a pouco mais de 300. Nota-se, entretanto, um feliz ressurgimento do espírito vicentino nos últimos anos, sendo digno de ressaltar o sensível número de jovens que ingressam nas Conferências, depois de decepcionados com outras fórmulas, que pareciam mágicas mas apenas concorreram, neste últimos quinze anos, para o dessoramento do espírito cristão. E isto é perfeitamente compreensível, pois uma entidade que se inspirou nos exemplos de São Vicente de Paulo, fundada pelo zelo apostólico de Frederico Ozanan e trazida para o Ceará por um católico da estirpe de Dr. Antônio Saboia de Sá Leitão, não haveria de fenecer assim tão facilmente.

Ao contrário, seu destino é alçar-se cada vez mais, como se alcandorou seu feliz inspirador que, não satisfeito com o magnífico exemplo que deu, quando leigo fiel e zeloso, fez-se sacerdote depois que enviuvou. Tornou-se ministro de Deus aquele que a Deus servira como exemplar figura do laicato católico?

Neste centenário das atividades vicentinas no Ceará, Deus abençoa cada vez mais as Conferências fundadas por Frederico Ozanan. A todas sem exceção. Mas permitido nos seja citar três delas — a de N. S. dos Navegantes, então funcionando na matriz de Santa Rita, no centro mesmo da cidade do Rio de Janeiro, sob a presidência de Orlando da Silva Santos, que se fez presente a estas comemorações vindo de tão longe, em cuja Conferência fui proclamado confrade a 3 de agosto de 1938; a de Santo Tomás de Aquino, funcionando no Prédio Vicentino de Fortaleza, então presidida pelo católico modelar que foi o Dr. Manuel Antônio de Andrade Furtado, a qual foi por mim freqüentada até o instante da fundação da Conferência de São Pancrácio, sob a minha presidência, a 12 de maio de 1956, na matriz de Santa Luzia; e esta última, restaurada a 11 de fevereiro deste ano de 1979, com sangue novo, sob a presidência do jovem estudante de engenharia Antônio Sancho de Carvalho Araújo Filho.

A abnegação dos vicentinos sempre foi edificante, dos mais humildes aos mais ilustres. Na impossibilidade de nomeá-los todos, como seria de justiça, prestemos nossa comovida homenagem, nesta data histórica tão grata para nós, a esses católicos de direito e de fato, citando os oito que durante tantos anos serviram à Sociedade no posto de Presidente do Conselho Central Metropolitano — Francisco Antônio Gomes de Matos, Felipe de Araújo Sompai, Guilherme (Barão de) Stuardt, Raimundo de Alencar Araripe, João Alves Grangeiro, Joaquim Caminha de Sá Leitão (filho do fundador da Conferência de São Francisco de Assis, em Aracati, cujo centenário estamos comemorando), Luís Cavalcante Sucupira e Luís Crispim de Sousa. E, ainda por motivos sentimentais, meu saudosso amigo e sapateiro José Vicente, o Casusa da Estância, que nasceu em Aracati e viveu com Deus, em Deus morreu e aos pés de Deus há-de estar descansando eternamente.

É hora de findar. Não o faremos, porém, sem correlacionar a data que festejamos com a crise a princípio referida nestas nossas desprezíveis palavras. Ela tem sido quicá demorada para a nossa sofreguidão, mas será superada quando substituído for o espírito do mundo — ávida de conquistas materiais em vez de objetivar vitórias espirituais; barulhento a escandaloso, quando devera ser silencioso e operante; edonista e ostentoso, em vez de casto e modesto; super-valorizador das técnicas e processos humanos, enquanto esquece que Deus opera através de silêncio e de sacrifício anônimo das almas de eleição — quando substituído for o espírito do mundo pelo espírito vicentino, vale dizer pelo espírito católico, deste catolicismo de vinte séculos de santidade e de fé, que nos ensinou o caminho das bem-aventuranças — “pobreza de espírito, mansidão, sofrimento suportado com paciência, sede de justiça, misericórdia, pureza de coração, vontade de paz, perseguição suportada pela justiça”. Pelo espírito desta Igreja “herdeira das promessas divinas, fundada sobre os Apóstolos, perpetuamente assistida pelo Espírito Santo”, una, santa, católica, apostólica e romana, não só agora, nem em determina-

do momento da história, mas sempre, desde o instante da sua fundação até a volta de Cristo nos fins dos tempos. Desta Igreja necessária à nossa eterna felicidade, pois Cristo mesmo assim o disse e quis, fora da qual não há salvação. Desta Igreja que vela pelo homem todo, corpo e alma, mas que hierarquiza os valores e proclama essencial e acima de tudo a salvação da alma. Desta Igreja que suscita os Vicente de Paulo, os Frederico Ozanan e os Antônio Saboia de Sá Leitão, que não são de ontem, nem de hoje apenas, mas de sempre, porque não se apegaram a valores efêmeros ou históricos, mas a tesouros que não enferrujam nem se desgastam através dos tempos. Desta Igreja dos vicentinos, outros Cristos a curar as feridas do corpo e, mais ainda, a sarar as chagas da alma de quantos pobrezinhos que, ignorados por muitos que deles falam demagogicamente mas não os acodem de fato, somente encontram lenitivo para suas misérias materiais e morais nos silenciosos porém operantes Confrades Vicentinos, por vezes subestimados pelos “teólogos” de Medellin e Puebla, que tiveram de ser corrigidos pelo Papa e que somente agora “descobriram a pólvora” da Caridade... Vicentinos superados para os sôfregos, atualíssimos para Deus!